

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DESEMPREGADOS DO RIO GRANDE DO SUL/PELOTAS – DESEMPREGO, DIREITOS E QUALIDADE DE VIDA: DIFÍCIL COMBINAÇÃO.

Andréa Wahlbrink Padilha da Silva

Graduanda do Curso de Pedagogia – UFPel/RS. Bolsista PROBEC

E-mail: andreawahlbrink@hotmail.com

Conceição Paludo

Orientadora, Professora Dra. – UFPel/FaE

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os primeiros resultados de um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido em Pelotas, Rio Grande do Sul/Brasil, que tem como objetivo geral contribuir para que o Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) avance no processo educativo e organizativo de soluções mais efetivas para o problema da falta de emprego.

O Movimento surge no cenário político brasileiro em 2001, primeiramente na região metropolitana do Rio Grande do Sul, para afirmar uma proposta de inclusão social e de construção de valores coletivos que integram um projeto popular e emancipatório. O MTD vem se consolidando como um Movimento social, popular urbano e de massa e tem como proposta a melhoria de vida e a elevação dos níveis de consciência dos trabalhadores desempregados para que os mesmos assumam, no processo histórico, o papel de sujeitos, visando à construção de outra forma de estruturar a sociedade em sua totalidade.

BREVE REFERENCIAL

Somos sujeitos históricos e políticos. Reconhecer a luta de classe e a conseqüente produção de oprimidos e opressores como construção humana e, por isso, possível de se reinventar, por meio da consciência política e da libertação do opressor existente enquanto classe e em cada um de nós é, como diz Freire, imprescindível (Freire, 2002).

A flexibilização produtiva e outras formas de precarização do trabalho, o avanço do trabalho informal, o desemprego acentuado, entre outros aspectos da realidade do mundo do trabalho, acentuam a grave problemática social em que estamos envolvidos (Antunes, 2010). O emprego assalariado formal, modalidade de trabalho dominante no capitalismo, está se exaurindo. Cada vez é menor a capacidade do sistema em incorporar jovens e não

tão jovens pessoas ao mercado de trabalho. Esta é a situação que vivenciamos hoje: não encontramos empregos para aqueles que dele necessitam para sobreviver com dignidade e os que ainda estão empregados, em geral, trabalham muito e sentem no dia a dia o risco do desemprego. Esse medo ocorre não só na base dos assalariados, pois essa tendência cada vez mais avança na ponta da pirâmide social, chegando até os gestores e executivos de grandes empresas (Braga, 2010).

Na atualidade, frente ao desemprego a educação se coloca como necessária embora por si só não resolva o problema do dos desempregados.

É com este referencial que esse projeto vem articulando a teoria e a prática, o pensar e o fazer. As margens para surpresas, tanto positivas como negativas devem ser consideradas, pois o desenvolvimento da pesquisa vem nos surpreendendo a cada etapa.

METODOLOGIA

A metodologia do projeto é a pesquisa/ação (Triviños, 1987). A pesquisa mescla dados quantitativos e qualitativos. São utilizados três instrumentos para a coleta de dados: questionários para levantamento do perfil social e cultural dos desempregados; entrevistas para aprofundamento e oficinas para análise dos processos formativos oferecidos pelo Movimento e os que ocorrem em sua organicidade.

PRIMEIROS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quem são eles? Retratos da opressão!

Quem são os oprimidos? Os condenados da terra, os esfarrapados do mundo, as classes populares, os sem dinheiro, sem poder, sem trabalho, sem terra, com trabalho precarizado. (Freire, 2005).

Na primeira etapa da pesquisa foram aplicados 50 questionários, em desempregados de cinco bairros de Pelotas. Dos entrevistados, 44 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino, 33 pessoas tem idade entre 30 a 60 anos e 17 tem idade entre 16 e 30 anos; 24 pessoas se consideram negros, 16 pessoas se consideram brancos e 10 pessoas se consideram pardos. Das pessoas entrevistadas 19 tem até 6 filhos, 22 tem até 4 filhos e 9 tem até 2 filhos. A grande maioria de suas residências é ocupada, já que os territórios considerados irregulares no país vêm se ampliando, fenômeno que também se articula com o crescimento da insegurança pública e que está longe de se restringir aos estados e cidades mais pobres (Ribeiro, 1994).

Grande parte dessas famílias vive de “bicos” ou recebe algum tipo de ajuda externa para se manter. Dos entrevistados, 23 pessoas recebem até R\$150,00 reais por mês, 13 recebem até R\$300,00 e 14 até R\$550,00. Bolsa família e cesta básica são de extrema importância para essas pessoas: 23 dos entrevistados recebem cesta básica e, 19 bolsa família e 8 não recebem nenhum tipo de ajuda. É basicamente através da teimosia que essas famílias desenvolvem alguma atividade para garantir algum tipo de recurso mensal. O acesso à saúde é muito preocupante também, já que todos têm somente acesso ao sistema único de saúde (SUS) que, de acordo com os entrevistados, é precário.

Outro aspecto importante, no levantamento de dados, foi a respeito da escolaridade dos membros do MTD. Dos 50 entrevistados, 36 têm ensino fundamental incompleto e, destes, 3 são homens e 33 são mulheres, um tem o ensino médio incompleto e é do sexo feminino, e 4 mulheres têm o ensino fundamental completo, 4 mulheres com o ensino incompleto e 3 com o ensino médio completo. Há também 1 homem e 1 mulher que não sabem ler. As causas do abandono escolar são muitas, como: precisava trabalhar, descaso da escola com os alunos, dificuldade na aprendizagem, problemas com drogas e dificuldade do acesso à escola. Esses são só alguns dos problemas que essas famílias encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a partir desses primeiros dados e contatos com essas pessoas que podemos observar que há muito a ser feito e que a luta pela sobrevivência é diária. Para esses trabalhadores a sobrevivência é tida sem o mínimo de qualidade de vida, direitos não existem, ou melhor, existem, mas não se constituem em realidade (Chauí, 2005).

E é nesse sentido que o Movimento deve ser analisado: na possibilidade de desencadeamento de um processo - método - que pode viabilizar a elevação da qualidade nas relações sócio-culturais e político-econômicas. É necessário que estes sujeitos tenham práticas emancipatórias e autogestionárias, nas quais se identifiquem e comecem a refletir sobre suas próprias experiências, conhecimentos e práticas. Mas isto somente não basta, é importante um processo contínuo da avaliação, sistematização e formação que vá ao encontro de uma estratégia geral, criando mecanismo que proporcionem mudanças no modo de vida.

Os primeiros resultados indicam a necessidade de propostas de trabalho junto aos desempregados que aproximem os processos de escolarização – EJA – com a economia solidária. Entretanto, isso não é suficiente. É necessária a continuidade da existência do

Movimento e da organização destes trabalhadores desempregados em processos de luta contra o capital e por políticas públicas que tenham como eixo articulador os direitos humanos fundamentais.

Para finalizar, cabe dizer que os desempregados do MTD sobrevivem porque são ousados, tem coragem, experimentam, não desistem e tem esperanças. Essas qualidades são algumas das que podem explicar, racionalmente, a sobrevivência destes sujeitos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Os dilemas do trabalho no limiar do século 21. CULT, Editor, nas categorias: p.139, Publicado dia 30/03/2010.

BRAGA, Ruy; SANTANA, Marco Aurélio. De volta à condição proletária. CULT, por editor, nas categorias: p139, Publicado dia 30/03/2010.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 41 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

MARX, Karl. XI. Cooperação; XII. Divisão do trabalho e manufatura; XIII. A máquina e a indústria moderna. In: *O Capital*. Crítica da Economia Política. O processo de produção do capital. Livro I, V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

RIBEIRO, L. C. Q. Questão urbana, desigualdades sociais e políticas públicas: avaliação do programa nacional de reforma urbana. Relatório de Pesquisa Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ - FASE, 1994.

TRIVIÑOS, AUGUSTO. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. SP: Atlas, 1987.